

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XI

Cuiabá — Dezembro — 1911.

NÚM. 12



S. Ex. Revm^o o Sr. D. Antonio Melan

Bispo Titular de Amis e Prelado de Araguaia.

Foi gravado em S. Paulo em 15 de Agosto. Apareceu lithographado e publicado pelas Officinas da Imprensa do Estado de Mato Grosso em 1911.

D. Antonio Malan

Após uma ausência de poucos mezes, volta novamente ao seio da sociedade Matto-grossense o Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Amiso e Prelado do Aragnaya.

A chegada de S. Ex.^a Rev.ma foi motivo de enthusiasmo summo nas classes altas e populares pelas quaes foi recebido festivamente por entre grandiosas manifestações.

E' que o abnegado Bispo é um benemerito do Estado e do Brazil, «não tendo faltado para glorificar os doestos, as calumnias e as provações»

E para confirmar o asserto, publicamos em seguida alguns dos documentos que figuram na esplendida Polyantheca publicada em Netheroy por motivo da sagração episcopal de S. Ex.cia.

N'ella figuram as collaborações de insignes litteratos e patriotas, que admiravelmente burilam a figura sympathica e gigante do preclaro Bispo de Amiso.

S. Ex. Rvma. o Sr. D. Antonio Malan

D. D. Bispo de Amiso e Prelado do Aragnaya.

«Recentesagrado Bispo em S. Paulo, acaba de regressar a esta cidade, o Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio Malan, o benemerito Apostolo dos Borros.

Faz-lhe o justicciro e grato povo cuiabano a mais festiva e pomposa recepção a que tenha assistido a nossa tranquill capital verde.

Associamos-nos, de toda a alma, a essas opportunas manifestações de admiração e apreço; não acrescencartemos, entretanto, palavras para

enaltecer os meritos de S. Ex. Rv.ma que já se acham immortalizados nos rijos silihares desses collegios e colonias por elle construidos, e nos robustos corações dessa juventude das cidades e dos sertões, por elle educada; far-nos-emos apenas eco das mais autorizadas boccos do mundo catholico e brasileiro, transcrevendo nesta pagina tres documentos os mais honrosos.

O primeiro é do S. Padre Bento XV, gloriosamente reinante, o qual, quando ainda Cardeal Arcebispo de Bolonha, e dois mezes apenas antes da sua fausta eleição para Supremo Chefe da Igreja Catholica e successor do inolvidavel Pio X, de santa memoria, assim escrevia a D. Malan:

«Ilm. e Rvm. Sr.

Acabo de saber por intermedio dos Salesianos residentes na Italia, que V. Rv.ma vai receber a 26 do corrente mez, a sagração episcopal das mãos do Exm. Sr. Nuncio Apostolico nessa Republica.

Congratulo-me, pois, vivamente com V. Rv.ma. por esse attestado de estima e benevolencia que recebe da S. Sé, almejo-lhe, de todo o coração, a abundancia dos divinos carismas, afim que possa ainda por longo tempo, desenvolver o seu zelo apostolico nessas regiões, já testemunhas dos seus diuturnos trabalhos.

Valendo-me desta primeira oportunidade, folgo de professar-me, com sentimentos de distincta estima

De V. S. Ilma. e Rvma.

Bolonha, 3 de Julho de 1914.

Dedicado servo.

† THIAGO DELLA CHIESA,
Card. Arcebispo de Bolonha.»

Os dois outros brilhantes attestados são dos Exmos. Srs Dr. Wenceslau Braz, D. D. Presidente da Republica e Conselheiro Ruy Barbosa, duas culminancias incontestaveis da alma brasileira. Eil-os:

« Rmo. Sr. P.^o Pedro Massa
S. Paulo.

Muito agradecido pela gentileza do seu telegramma, communicando-me a sagração episcopal do Exmo. D. Antonio Malan.

O Brazil deve a D. Antonio Malan preciosos, inolvidaveis serviços.

Respeitosas saudações.

Wenceslau Braz.»

«Minhas congratulações ao venerando Padre Malan, o amado apostolo dos nossos Boróros, pela sua elevação ao episcopado. Do bordão de missionario ao báculo do prelado vae apenas a distancia da consagração, que, ha muito já lhe estava feita no espirito das suas ovelhas.

Rio, 15 de Julho de 1914.

Ruy Barbosa.»

Congratulando-nos pois, com o Exmo. Sr. D. Malan por esses gloriosos testemunhos de estima, fazemos votos ao Altissimo se digne de completar com a longevidade da preciosa vida de S. Exe. a generosidade do seu fecundo apostolado.

(Da *A Cruz*)

D. Antonio Malan

ENCERAM de regozijo a todos quantos conhecem, e, conhecendo-os, admiram os trabalhos dos discipulos de D. Bosco no Brazil, os dois bellos recentes actos da Santa Sé, elevando á Prelazia apostolica as missões dos indios boróros, em Matto-Grosso, e nomeando bispo titular de Amiso o benemerito sacerdote Antonio Malan.

Basta visitar os estabelecimentos fundados e mantidos pelos Salesianos em S. Paulo, ou em Netheroy, para verificar e proclamar os inestimaveis serviços prestados a nossa Patria pelos activos, virtuosos, presantissimos missionarios.

Mas é nas regiões longinquoas do sertão que taes beneficios avultam.

Não poudo deixar de render-lhes justiça o Sr. Savage Lander na sua obra, tão eivada, aliás, de má vontade para com os homens e as cousas do Brazil.

Embora protestante, elogia o Sr. Savage Lander o zelo religioso dos Salesianos com quem se encontrou em Matto-Grosso e que, hospitaleiros, o acolheram, numa das suas colonias estabelecidas em plena região selvagem.

O que por elles foi ali effectuado é enorme, attesta o famoso explorador.

Desbravaram e cultivaram extensas areas, do aspero terreno, chamaram a si e agruparam numerosos indios, para os quaes se mostram de inexcusavel mansuetude, ensinando-lhes a agricultura e toda sorte de officios uteis.

Captaram-lhes a estima e a confiança exercendo a mais suave e proficua catechese.

A 31 de Maio ultimo, D. Antonio Malan, a alma de todas essas conquistas, telegraphou de Porto Murtinho manifestando a sua alegria pelos progressos materiaes e moraes verificados, e o serviço da inspecção, nas colonias do Garças, Barreiro e Sangradouro.

Encerraram ali, naquella data, o mez mariano, admittindo á pia baptismal 77 neophitos adultos, e, entre acclamações, incorporaram á sociedade mais 35 familias de boróros, inclusive cinco influentes chefes da tribu. Reina. — concluia o despacho

egregio bispo de Amiso.—reina nos demais indios das colonias vizinhas vivo desejo de admittir maior numero de selvícolas.

A todo brasileiro, amigo do seu paiz, e que não esteja perturbado por paixões sectarias, devem causar jubilo e enthusiasmo estas auspiciosas noticias.

Assignalou ella mais um consideravel triumpho alcançado pelo padre Malan e seus dignos collaboradores.

Os annaes do Congresso e documentos officiaes de indiscutivel insuspeição, dão testemunho do esforço, da rectidão, do zelo empregados pelo padre Malan e seus companheiros no desempenho do seu tão glorioso quão difficil, perigoso e desinteressado ministerio.

Que o Senhor abencôe e prospere os continuadores da tarefa sublime dos Nobregas e Anchietas nas florestas do Novo Mundo.

Já um jesuita e um franciscano figuram, perpetuados no bronze, em monumentos da metropole nacional.

Dia virá em que o mesmo succederá a um salesiano, porque, até neste mundo, cedo ou tarde se tributará justiça e gloria aos que souberam bom combater no bom combate.

A sagração de D. Antonio Malan é prova disto.

Affonso Celso.

REDIVIVA

Mercê da obra de santa tenacidade, de abnegação e de esclarecido zêlo, comprehendida e fructuosamente continuada pelo benemerito Padre Antonio Malan entre os aborígenes de Matto Grosso, renasce em vigorosos e fecundos os trabalhos de catechese, para aqui trazidos por Nobrega, Anchieta, e seus invioláveis compatriotas.

A catechese, de que se fez missionario o Padre Antonio Malan, é sem duvida uma das mais custosas expansões do apostolado catholico, a quem commetteu Jesus Christo, seu divino fundador, a ingente empresa de evangelizar a terra. Fora do influxo religioso a catechese nada exprime. Catechese e laicismo são tentativas que reciprocamente se repellem, *hurlent, de se trouver ensemble*. Aquella será um vocabulo torcido de sua significação propria; catechese de buzina, jamais uma obra consistente e proficua de civilisação.

Renovando pela instrucção religiosa o espirito do gentio, derramando sobre o coração do selvagem a unção das virtudes christans, abrindo escolas de trabalho, apaziguando rivalidades, a missão do Padre Malan eleva-o ás alturas de um benemerito do Brasil, não faltando para consagrar o seu incontestavel merecimento, nem doestos, nem calumnias, nem provações.

Mas, Roma fallou. A exaltação do apostolo dos heróicos a Prelazia do Araguaya antecipa a justiça divina: é um premio á virtude, um reconhecimento da grandeza da obra a que se dedicou o novo evangelizador dos, nossos sertões.

Rio, Julho de 1914

Brasílio Machado
(Cooperador Salesiano)

A Religião e a catechese dos selvagens

Porque razão a catechese, que sempre e com os mais lisongeiros fructos esteve a cargo de missionarios catholicos, passa agora a ser mais um serviço do Estado e mais um onus para os cofres publicos?

Si é cousa que se pergunte! dirão

imprevistos constitucionalistas. Que tunos nós outros com a Religião e a Igreja? Causas da consciencia de cada um, com que não se envolve o Estado.

O Estado é sufficiente a si proprio, de nada precisa, tudo tem seu e para uso proprio: sciencia, religião, moral, direito, catecismos e catecheses. E' o todo-uno, vivendo da contemplação de si proprio na eterna beatitude do um Deus!

Do alto de seu Sinai de papelão entre trovões de theatro e relâmpagos de breu brada a bochechas cheias: *Non habebitis deos alienos*: não reconhecereis outra auctoridade ácima da minha, outro poder que não o meu, outra doutrina, outro dogma... Para isso cortei relações com o sobrenatural, com a ordem que dizem existe ácima de mim, e tomo o homem desde o berço pelo registro civil, o levo pelo casamento civil a constituir familia, e na morte ainda o levo para o cemiterio civil... Eu sou o laicismo, sou a Omnipotencia...

Pobre Omnipotencia de pés de barro, exposta á bomba do anarchista e aos vaivens caprichosos dessa base inconstante como o mar—o povo—que apoia o poder civil e leigo! O Estado desdenha o poder inerte da cleresia e dos fieis? Não; tem-lhe a concorrência; quer tudo occupar, tudo açambarcar, tudo alagar esse oceano sem praias...

Por isso instituiu a catechese leiga. Pois se ha de offender a consciencia do selvagem permittir-lhe unia religião quando pode escolher entre tantas no immenso mostrador das variadas crenças em que se divide o mundo? Porque não familiariza-lhe o positivismo? Porque não fazer d'elle um livre pensador? Não

preparal-o desde logo ao exercicio do direito de voto?

Ab! meus senhores esmiuçadores de apices e finuras constitucionaes, como se enganam ou enganam V. V. Ex.cias e mettem á bulha o bom senso!

O selvagem não comprehende essas abstrações de moral cívica, de liberdade de consciencia e direitos imprescriptiveis e inalienaveis do homem e do cidadão... Se lhe negam o alimento primario e substancial do ensino religioso, porque temem offender a consciencia, e querem mantel-o ao abrigo de influencia estranha, elle lhes agradece a fineza, e que faça bom proveito aos civilizados constituição e dever cívico, direito de voto e soberania popular; elle de bom grado pediria lhe fosse dado o catecismo de Anchieta e Nobrega, hoje em dia continuado pela meritoria pleiade salesiana tendo á frente o venerando prelado Padre Malant: deixa para depois discutir prerogativas e liberdades constitucionaes; aos do credo positivista responderá que deixem-no ainda algum tempo no *periodo theologico*, deixem-no com Christo e os que lhe falam na outra vida...

Por uma lei providencial, só explicavel pela graça e misericordia divina, o espirito que na creança e no selvagem, que é tambem uma creança, se mostra tardo e embotado na comprehensão das idéas abstractas da ordem inferior, abre-se prompto á idéa de Deus, e accende implicitos os mysterios da Fé, sem lhes oppor difficuldades ou objecções: uma voz interior, echo longinquo da Revelação primitiva, parece segredar-lhe que tudo aquillo é bem Verdade, e os fructos dessa creança para logo se manifestam abundantes em obras de paz, de utilidade, de

amor recíproco e piedosa submissão ao trabalho e á convivência com os seus semelhantes mais adiantados em cultura.

O Estado que já corrompeu o operário, fazendo d'elle um revoltado, e a creança tornando-a precocemente impia, mostrando-lhe que real e verdadeiramente só existe a terra e seus gozos, escassos infelizmente, e partilha de poucos... deixe em paz o selvagem, que muito alheio ainda á *civilização moderna*, não lhe entende a linguagem felizmente; o espirito do indígena ainda não foi trabalhado por essa seccura, que tira toda esperança, toda a fé nas boas cousas...

Deixem-no estar com os seus padres... Enquanto os teve, enquanto submisso andou ao ensino e direcção dos padres o selvagem abateu as armas, desfez a confederação dos Tamoyos preservando a colonia de inevitável ruína, auxiliou os civilizados na expulsão do estrangeiro heretico, foi um elemento de paz e de prosperidade...

O Imperio procurou remediar de algum modo o grande erro, o grande crime de Pombal para com o selvagem a quem sob a apparatosa comedia de uma liberdade no papel, tirou-lhe a real effectiva protecção... os padres jesuitas expulsos dos dominios portuguezes e portanto do Brazil. O Imperio, digo, quiz remediar o grande desastre reatando a catechese por meio da pregação ministrada por missionarios... Era um serviço que pouco ou nada custava ao erario, e que produzia beneficios resultados.

Hoje não se entende assim. Escassamente e como por favor tolera-se a prosecução da grande obra catholica... E' preferivel entregar o serviço ao elemento leigo... Custa aos cofres publicos avultadas sommas. Que importa? São mais uns tantos funcionarios

a estender o raio da influencia official uns grãos mais além do ordinario, e a burocracia e a fome de empregos publicos, uma das taras da raça latina, é quasi entre nós molestia endemica.

Mas não estraguemos cousas tão proveitosas, não consumamos, em pura perda de tempo os recursos pecunarios... Sejam sensatos um dia. O selvagem não se dá com a catechese leiga. guardem para outra cousa o utilitarismo e o laicismo. Só abnegação de missionario faz milagre da conversão do selvagem bronco e feroz; só a fé na outra vida e o desprendimento desta seria capaz de inspirar o acto de erudide sublime, que é a catechese indígena.

Os nossos irmãos dos bosques precisam mais que o bem estar e o convívio de uma civilização tão cheia de miserias e torpezas como a nossa, — precisam do alimento forte da crença religiosa, que os tornará felizes e verdadeiramente civilizados.

Julho de 1914.

Lucinda de Almeida.

Não ha religião sem propaganda.

La foi, diz um escriptor, qui elle persuade ou qui elle subjuge, est essentiellement, conquérante, et l'univers tout entier ne lui semble pas trop vaste pour ses combats.

Tangido pela fé, essa força irrefreadavel, quasi sobre-natural, que encontrou em sua alma de apostolo a pyra sagrada onde se reavivar em perenne combustão, não resistiu D. Antonio Malan á missão sublime reservada a sua natureza privilegiada. E eis que surge sua bella figura de missionario a conquistar novas terras, a dar o bom combate no Novo Mundo, parecendo-lhe a velha Europa arena restricta para suas campanhas apostolicas.

Quiz a Providencia Divina que seus olhos seismadores, para os quaes o universo inteiro não se apresentava sufficientemente vasto, se elevassem até a abobada azul, e ali se fixassem na Constellação do Cruzeiro da qual não poderam mais se despregar. imantados por uma attracção mystica e suave que o encaminharam até as plagas hospitaleiras da terra de Santa Cruz.

Cruzeiro do Sul !

Bemdito emblema a attrahil-o com a magia de suas evocações; traço luminoso de brilho seductor a guial-o, não como outr'ora a estrella dos Reis Magos á poesia santa e ineffavel de um berço, mas ao ermo da floresta virgem, aos imprevistos da solidão mysteriosa, ao encontro quiza do martyrio, que é a palma gloriosa do seu apostolado.

Da sua acção formidavel de pioneiro da civilisação, da sua faina extenuante de propagandista, dos seus extraordinarios successos de evangelista, dão testemunho solemne as varias colonias indigenas estabelecidas nos invios sertões de Matto-Grosso, em pleno coração do Brasil.

Relatar, coordenar as diversas etapas percorridas pela tenacidade e espirito de sacrificio do ardoroso missionario seria tarefa descabida em momento em que pretendo dar a D. Malan singela prova do meu affecto, da minha admiração, da gratidão de brasileiro pela sua cruzada de civilisação e de caridade.

Que bello entretenimento, remontar-se o pensamento a epochas longinquas surprehender o abnegado mensageiro do bem ao pizar terra americana, o alvoroço de sua alma juvenil entre conflante e indecisa, anelante pelo encontro com selvicola desconfiado e taciturno, afflicta por chamal-o ao seio da civilisação e de

Deus, ao mesmo tempo recciosa do insuccesso da evangelica tentativa.

E hoje ? Com que gozo espiritual, com que alegria reconfortante contempla o missionario, purificado pelos soffrimentos, a conquista sublime realizada pelo amor e pela caridade, a tranquilla immobilisação de milhares de *boróros* fixados ao sólo patrio, encorporados á civilisação brasileira, reintegrados na patria commum !

Esta obra sobrehumana, executada pelo Padre Antonio Malan, colloca-o na cathegoria dos grandes vultos da humanidade.

O apostolo levou-a a termo feliz impulsionado por duas forças quasi omnipotentes: a fé e a caridade.

La fin de la religion, l'âme des vertus, l'abrégé de la loi, c'est la charité, pregava Bossuet.

Esta virtude é a característica da individualidade de D. Malan.

Seu coração não se resigna a viver abraçado com o amor sagrado da familia e da patria. Tinha que se dar porém por inteiro ao seu semelhante.

Amar o proximo como a si mesmo tem sido sua divisa suprema.

Veio procurar irmãos entre os exemplares mais humildes da especie humana, com elles conviver nos arcanos mysteriosos da floresta, padecer de suas misérias, espargir nos peitos selvagens um thesouro de bondade e de ternura.

Resgatando-os para a Luz vai illuminando de fulgente clarão a estrada magestosa atravez da qual ascenderá em apothiose ao seio da Bemaventurança.

João Penido.

Deputado por Minas Geraes

Resurreição de Anchieta

Pompala a solva annosa desgallhada,
Agitando-se em fulgida ramada
De um verde secular.

As arvores bracejam penitentes
Pedindo ao vasto azul, dos ceus clementes
Um Deus e um altar.

Levantam-se gigantes esgalhadas
Em convulsão de dôr paralyzadas
Fitando sempre os ceus.
Na serra abrupta a cachoeira espuma
Evocando, em gemidos, dentro a bruma
O nome de seu Deus.

Atra tormenta horrida espadana
Pela mata o bramir de fúria insana
Em medonho estridar.
Retumba a trovoad. Em branco espaço
Riscam os raios com vermelhos traços
O nome do Senhor.

Em vão a natureza rebranhava
Aos ceus, contra o furor da heste brava
Dos Raposos cruéis.
Vermelhejava o fogo nas missões
E os índios assustados dos grilhões
Fugiam p'ra os vergéis.

Os cyclones fataes dos bandeirantes
Passavam pelos prados reverberantes
Incendiando a cruz...
Jeremias Mansillas nas estradas
Cosendo as rubras carnes mutiladas
Dos índios de Jesus.

Mudo era o sino euf. dos companheiros
Que acordavam os ermos solitários
P'ra florir e cantar.
Quebrados os thuribulos no incenso,
Que outr'ora se esgarçava em céu immenso,
Não mais subia ao ar.

E Paulo Affonso repetia aos ceus,
A voz chorosa de sua terra sem Deus,
D'uma patria servil.
E o Amazonas levava nos vendos matos
O pranto de sua terra de palmares,
O pranto do Brazil.

Um século passára quando um grito,
Rolando de infinito em infinito,
A Europa succidia.
No céu da Italia um astro se altoou
Depois que um sol eremito se apagou
No horror de Waterloo...

Emerge e cresce e brilha no céu lúido
O vulto do D. Bosco desprezando
O pão, a fé e o amor.
E a luz do novo genio fulgurante
Espalha-se na America do futuro
Abrazando o equinocio.

E os povos missionarios do D. Bosco
Desbasta co' o borbão medoso e toco
As selvas do Brazil.
Volta o indio a rever a mesma cruz
Que dantes campeava á mesma luz
Brilhando ao mesmo mil.

E Malan apparece pelas selvas...
Perpassam cicantes sobre as relvas
Sorrisos de prazer...

Abrem-se auroras rubras pelos ceus
Trazendo a benção fulgida de Deus
Ao novo Xavier.

Um poema da gloria aqui scintilla...
Epopeia de amor, além cutila,
Ebria de luz e canil...
E a natureza vendo o heros que surge
Proclama aos ceus: A Anchieta que resurge
Nas plagas do Brazil!

A. F. C.

Chegada de D. Antonio Malan

Foi de uma imponencia particular a recepção que o povo cuiabano fez, na tarde do dia 20, ao Rm. Sr. D. Antonio Malan, ultimamente sagrado Bispo em S. Paulo.

Interprete dos sentimentos da inteira população, que em numero superior a 2000 pessoas, ali estava representada, foi o Rm. P. Aquino Corrêa que, em inspirado improviso, saudou a S. Ex. Rvma.

Logo após o intelligente alumnino Fernando Lapaquial, produziu em nome dos jovens bôros educados pela Missão Salesiana no Coxipó e no Lyceu S. Gonçalo, a seguinte saudação:

Exm. o Rm. Sr. D. Antonio Malan.

Neste momento em que um povo inteiro vos acelama, não podem os vossos bôros deixar de saudar-vos com todo o enthusiasmo e carinho de suas almas affectas a expansão de uma natureza virgem. Estes meninos da Escola Agricola do Coxipó, estas gentis crianças asyadas no collegio das Rv. das Irmãs Salesianas, vos dizem em nome dos proprios paes das tres colonias:

SÊDE BENVINDO!

Sêde bemvindo, bemfeitor supremo de toda a tribu, sêde bemvindo ao carinho de vossos filhos queridos a estes bôros que tambem vos amam e estimam.

Filhos os mais legitimos deste immenso Estado, no qual desde a

humilde flor escondida por sob a relva até ao altivo jaquitibá tudo é grandioso, seus corações nasceram para os grandes affectos principalmente para com aquelles que lhes dispensam benefícios, e sobre tudo para com V. Ex. Rvma. que se consagrou sem reserva ao seu bem e á sua redempção.

Ex.cia

Aqui no meio desta multidão de povo, acreditaes, ninguém ha que tanto se alegre pela feliz chegada de V. Ex. Rvma. quanto os jovens e humildes boróros.

Impossibilitados de expressar-vos de outra forma o affecto sincero que vos dedicam, acceitae seus corações; são flôres das nossas mattas regadas com os vossos suores apostolicos, si algum perfume de civilização hoje dellas se desprende, é bem justo que este aroma evolue-se para vós, n'uma athmosphera calida de amor e gratidão, para glorificar, singelamente embora, o 1.º bispo dos boróros.

Salve oh! Pastor extremoso de toda a tribu!

Ao terminar a vibrante saudação do intelligente joven; tres tenras meninas, salvas pelos missionários da morte a que os páes tinham-nas votado, e de presente, educadas pelas R. das Irmãs Salesianas, declamaram uma após outra, as estrophes da bella poesia, da lavra do distincto Dr. José Barnabé de Mesquita.

(Parte da menina Olga).

Filhas da selva uberrima,
viemos vos saudar,
a vós, preclaro apostolo,
genio do nosso lar.

Como as aves altivolas
que voam no sertão,

é o vosso magnanimo,
sublime coração.

Como as palmeiras virides,
ostentaes, sempre em flor,
a vossa entusiastica
alma de luctador.

(Parte da menina Rosa).

E' uma gloriosa aureola
o vosso episcopado,
cheio dos sacrificios
dum grande apostolado.

Por essas selvas invias,
os filhos de Tupan
bem dizem-vos, acclamam-vos
ó grande D. Malan,

E o vosso nome esplendido
de luctador invicto
é como um astro vivo
brilhando no infinito.

(Parte da menina Seraphina)

As garças alvas ornem-vos
o rosto nobre e altivo
das suas pennas candidas
como um estemma vivo.

Como um perfeito symbolo
das virtudes sem par
que adornam vosso espirito
de apostolo exemplar.

E falle nesta humillima
vóz, todo esse sertão,
toda a Bororolandia
cheia de gratidão.

Apenas as tres pequenas crianças acabaram a graciosa saudação, e ufanas desciam da modesta tribuna, para oscular o sagrado anel do pastor das selvas; o imponente prestito, alegrado pelas notas festiva de tres bandas, poz-se em marcha. Ao chegar de frente da igreja de S. Gonçalo, o proecto advogado dr.

Carlos Sallaberry pronunciou este vibrante discurso:

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Malan.

Meus senhores.

Devidamente auctorizado pela imprensa d'esta bondosa terra, desta alavanca potente do progresso, que, neste momento abstrahê de seus sentimentos politicos e de seus credos religiosos, para só fitar na figura sympathica de V. Ex. Rev.^{ma} a personalidade do apostolo do bem e do pioneiro incansavel de alevantados feitos, venho dirigir a V. Ex.^a uma singela, porém sincera saudação.

Perdoem-me meus ouvintes, e os que me commissionaram, o desataviado da phrase e a fraqueza das expressões do orador que só por nimia benevolencia foi encarregado de representar, neste momento, o sentimento do joralismo que, na phrase de Simon; é o pharol do progresso e o porta voz das liberdades individuais.

D. Malan

Ha, relativamente, poucos annos que a acção benefica da missão salesiana, de que V. Ex.^a Rev.^{ma} é um dos mais antigos directores, tem se feito sentir na obra gigantesca da catechese do indigena, no abençoado torrão Matto-grossense.

Não vai longe o tempo em que, desconhecendo o espirito de humanidade, e os deveres das sociedades cultas e as aptidões do gentio, forças armadas varreram as tabas aborígenas, arraigando, mais e mais o odio existente entre os indios e seus perseguidores — os brancos, os civilizados!

V. Ex.^a Rev.^{ma}, porém, seguindo os feracissimos exemplos dos modernos pregadores da civilisação,

procurou chamar ao gremio social essa enorme phalange de almas, que habitavam, e ainda habitam os adustos sertões de nosso caro Estado.

Sem vacillações, nem esmorecimento, levastes a caravana do bem até as invias florestas, onde, no dizer do poeta: o proprio sol recceia entrar.

A attitudo serena do sacerdote e suas palavras convicentes e cheias de fé, calaram fecundas no animo do selvagem, descobrindo-lhe horizontes tão vastos e tão bellos que não obstante sua ignorancia, percebeu, embóra ao longe, a ideia do infinito e de omnipotente, interrogação mais que duas vezes millenaria e que pairara nos labios das antigas gerações e que só foi respondida quando, no Golgotha ergneu-se o madeiro intamante em que foi pregado o Deus — Homem: — o Christo — e, então, o indio conheceu seu Redemptor e com Elle sua qualidade de irmão, na communidade humana.

Meus Senhores! o que acabo de proferir diz respeito unicamente á parte espirital da grande obra emprehendida, sob os auspicios de D. Malan, nas extensas florestas deste grandioso Estado; mas... muito resta a dizer sobre a parte material da lucta catechista; os combates travados, as victorias alcançadas, as dores e as alegrias experimentadas, tudo isso, Srs. seria fastidioso rememorar neste momento, porquanto os gigantesco feitos levados avante pela missão salesiana, em tão curto lapso de tempo, estão na vossa memoria, estão ás vossas vistas.

Permitti, entretanto, que diga algo sobre a operosidade dos filhos de D. Bosco e de seu illustre inspector.

Quando, ha vinte annos, D. Antonio Malan, cheio de ardor e de fé,

dedicou-se á grandiosa obra da civilização da *gente bororo*, ainda perduravam os velhos prejuizos da indomabilidade dos indígenas.

Os antigos viandantes que, por terra, iam em demanda da capital de nosso paiz e de outras provincias tinham soffrido ataques dos indios; alguns tinham retrocedido, outros tinham succumbido sob o pesado tapape dos selvicolas; as lendas perpetuavam-se e a ferocidade do gentio era ataviada com as mais negras rampagens.

As densas e sombrias florestas eram tidas como domicilio habitual do indio feroz, das feias bravias e das venenosas serpes; as margens dos grandes rios eram consideradas como o baluarte do inimigo selvagem, do anthropophago guloso!

Bastou um quadro tão negro para quebrantar o animo do mais valente sertanejo, mas não dos intrepidos soldados da Cruz, dos filhos de D. Bosco.

Entre mil perigos e difficuldades, tendo por armas a fé, a esperanza e a caridade, e por escudo inexpugnável a palavra de Deus e as bençãos de Maria Auxiliadora, os missionarios salesianos, inspirados pelos dignificantes exemplos de D. La-sagna e do actual prelado do Araguaia, atiraram-se á conquista das almas de nossos irmãos das selvas.

Quanta dedicação demonstraram, quantos santos esforços empregaram, quanta tenacidade patentearam, para que, hoje, se ostente a

vista deslumbrada do viajante as colonias do Sagrado Coração de Jesus, de S. José, e da Immaculada Conceição, com seus observatorios!

Senhores! onde outrora só se viam rastos de feras, hoje erguem-se as choupanas dos bororos, agrupadas no centro de optimos campos!

Onde se via a choça repugnante do *bairi*, admira-se hoje o santuario de Deus vivo!

Senhores! debuxando nestes ligeiros traços o progresso das obras iniciadas e levadas a bom termo por D. Antonio Malan, vos faço ver quão insondaveis são os designios da Providencia; Ella levou-o pela mão na trilha do bem, para conferir-lhe, ha pouco, as dignidades de principe de sua Igreja, de que hoje se acha revestido, por um gesto solemne e merecido de seu representante na terra, o inolvidavel Summo Pontifice Pio X.

D. Malan, ao terminar, permitti que vos diga que bem merecestes as honras que vos foram conferidas pelo Vigario de Christo; nós, que acompañamos vossa ardua e incessante tarefa, já, de ha muito, vos tinhamos sagrado benemerito e, antes de nós, o tinham dito, em sua linguagem pittoresca e simples os jovens bororos, quando viram que seus genitores trocavam o arco pelo arado, symbolo do progresso, e que fitavam os olhos na Cruz, synthese da ordem e da paz.

Salve D. Malan.

Continúa





Parnaso mattogrossense



D. MALAN

Para vinte annos vai que á nossa encantadora
Ribeira, onde o ouro afflora
Sorrindo ás seducções desta luz tropical,
Elle aportava, envolto em seu burel malquisto,
Ao peito—a cruz do Christo,
Mas nos olhos azues—a gloria de um ideal!

Quem é? Talvez algum audaz naturalista,
Alma entregue á conquista
Dos mysterios sem fim deste eden seductor?
Sim! Mas elle não vem a esta verde Flora,
Como Martius outr'ora,
Extatico, a sondar o calix de uma flôr.

Outra Flora elle busca, essa que vive e pensa,
Que tem por seiva—a Crença,
Por orvalho—a Esperança, e o grande Amor—por sol;
Essa que é a alma eterna e cálida dos povos,
A quem traz, sempre novos,
Os beijos do Senhor á guiza de pharol!

E hoje que val do sabio allemão a immensa obra,
Por onde se desdobra,
Como em vasto Museu, a Flora do Paiz?
Que val deante dess'outro esplendido, infinito
Livro por elle escripto,
Cujas laudas de luz são almas juvenis?

Livro todo a florir de açucenas e rosas,
Paginas luminosas,
Que douram do porvir os fúlgidos annaes;
Livro todo de fé, de esperança e carinhos,
Que são seus pergaminhos
Eternos de heroismo e glorias immortaes.

Mas o heroe foi além. * * *
Soube que nas agruras
Das florestas escuras,
Viviam sem amor, sem luz mil corações...
E elle, envergando ainda o seu burel malquisto,
Ao peito—a cruz do Christo,
Sublime bandeirante; pítrou pelos sertões.

Mas eis que a alma da tribo era outro sertão bruto,
Sem flôres e sem fructo,
Sinão os do odio atroz, indomito e cruel;
Nelle—jaguar ferido—a vingança rugia,
E serpeava, sombria,
Setinosa, a traição, qual torva cascavel.

Estafeta sublime e ardente do Evangelho,
Nesse livro tão velho,
E tão novo de amor, de paz e de perdão,
Deparou-se-lhe ainda o unico roteiro,
Por onde, alviçareiro,
Entrar do indio irado o invio coração.

Entrou e conquistou-lhe o coração fragueiro,
E—heroico garimpeiro—
Delle, á luz da fé, extrahiu, e pôe-se a lapidar
Da razão e do amor os nativos diamantes,
Que hoje, tão fulgurantes
Bordam a fronte audaz dos filhos do palmar.

E assim passou semeando ao longo dos palmares
Oragos e villares,
Bem como o lavrador semeia a esmo o grão;
Do patrio pavilhão mais uma fimbria bella
Elle desdobra, e nella
Dos Boróros acolhe a válida nação.

Grande foi Rio Branco—o chancellor sublime—
Que mil luctas dirime,
E alarga o mappa assim, num aceno genial;
Maior foi elle—o meigo e humilde catechista—
Dilatando em conquista
De almas, não o torrão, mas a alma Nacional!

* * *

Hoje elle volve ao scio amigo das florestas,
A basilica em festas,
Que ao Pontifice hosanna entre flôres gentis;
De plumas um docel abrem-lhe as mansas aves,
E agitam-lhe suaves
Flabellos de esmeralda os verdes buritys.

Seu nome echôa na alma harmoniosa das mattas,
No gorgear das cascatas,
Nos trinos do sabiá, na aza do vendaval...
E enquanto retumbar sobre a infinita praia
A onda do Araguaya,
Seu nome cantará como hymno triumphal.

Nome de amor que vive e sempre viver hade
Na alma da mocidade,
O bronzeo pedestal da Patria de amanhã,
Patria, que na fachada austera do Futuro,
Ha de, em ouro o mais puro,
Saudar esta legenda immortal— D. MALAN!

Cuiabá, 16 de Dezembro de 1911.

AQUINO CORRÊA

D. ANTONIO MALAN E A CATECHESE

*Após renhidas e incruentas luctas
Em bem dos filhos das florestas brutas
Da zona oriental,
Recebe o heróe — a fronte nobre e calma
De mil victorias a risonha palma
E uma aureola immortal!*

*A voz de Pio magestosa e forte
Do Vaticano rompe na alta côrte,
Rebôa a flôr do mar
E qual das ondas o echoar profundo
Estala e perde-se no Novo Mundo,
Na terra do palmar.*

*E eis que proclama o venerando athleta,
O redicivo salesiano Anchieta,
—Prelado dos Brazis!
Então o povo applaude em alvoroço
De Roma o gesto que fez Matto Grosso
Mais uma vez feliz!*

*Assim triumpha a santa catechese
Em que se funda a luminosa these
Da civilisação!
O que era o horror de nossas verdes mattas
E' já esperanza de auspiciosas datas
Para a Igreja e a Nação !*

*Exalta, pois, silvicola bravo,
Outr'ora sob o negro poderio
Do inimigo da Cruz!
Já desabrocha entre os sertões nativos
Doseuros plácidos aos sons festivos,
A era de amor e luz!*

Não vês brilhar sobre os teus outeiros
Dum sol benéfico os clarões fagueiros
Que bordam a manhã ? !
E' o astro-rei que as tabas illumina,
Que doura as messes da missão divina,
— Dom Antonio Malum !

Como Moysés na rocha abrindo a fonte,
Vae elle um novo e fulgido horizonte
Na catechese abrir...
O baculo é a prodigiosa vara
Que fez brotar do Christo a fonte clara
Para as almas remir !

Eu j! contemplo além os rubros fillos
Dos bosques inundados de almas brilhos
Dum immenso arrebol,
Que corôa as florestas do Araguaya,
Com luz intensa que jamais desmaia,
Que é do Evangelho o sol !

E á minha Patria, terra das palmeiras.
Berço de heróes e tradições fagueiras,
Levanto hosannas mil,
Pois, dos brazis na geação pujante
Eu vejo a gloria da nação gigante
Do meu caro Brazil !

Cuyabá, 19-XII-1814.

A. M. O.

A LINGUAGEM DOS LENÇOS

Como é cheia de encanto e de doçura
a linguagem dos lenços na partida,
a lembrarem, na triste despedida,
a esperança e a saudade de mistura !

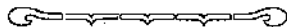
Quem já sentiu a magua indefnida
de uma separação que nos tortura
jamais a esquece, e sente que perdura
essa lembrança em toda a sua vida.

Assim eu... Lembra-me inda tudo aquillo.
A praia, o sol; o rio azul, tranquillo,
sob a luz mel n'holica dos céus.

*E ao partir, como o voar dum linde bando
de aves do amor e da saudade, o brando
mover dos lenços, num sentido adeus...*

S. Paulo 1910

JOSÉ DE MESQUITA



NATAL

*E' chegado o Natal. No curvo firmamento
Eu oudo ver brilhar a estrella do Pastor,
Que brilhou ao nascer do divo Salvador
Da humanidade vil, vaidosa e sem alento...*

*E' chegado o Natal. De momento em momento
Sopra a briza aromal espalhando dulcor,
Essa briza que já osculou flôr por flôr
Dos campos de Belém, cheios de encantamento!*

*Natal do amor, natal do sol, natal do dia
E' o Natal de Jesus no meio da alegria
De sua casta mãe e dos feis também...*

*Divino Salvador, do throno da verdade
Faze brilhar no céu de toda a humanidade
A estrella do Pastor que brilhou em Belém*

Cuiabá,—20—12 1914.

CESINO DA ROCHA



A ESCOLA

(Offerecido pelo auctor aos seus alumnos)

*Crianças! A escola
E' doce sacratio,
E' puro santuario
De vida e prazer;
E' onde vós todos
Alegres, Contentes,
Ireis obedientes,
Instrucções beber!...*

*E' alli que se aprendem
Os bellos theoremas,
Os grandes problemas
Do nosso viver;*

*Ali nós podemos
As nobres histórias,
As lucidas glorias
Da Patria colher!...*

*A escola é um mundo
Pequeno de amor,
A que vosso ardor
Deveis consagrar:
Ali apprendemos
A amar o saber
Da vida o dever,
No mundo a lutar!*

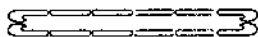
*Oh! ledas crianças,
Correi pressurosas;
Não vades queixosas
A escola buscar;
Correi, p'ra que o tempo
Que nunca se calma,
Não faça vossa alma
Um dia chorar!...*

JOÃO N. DA CUNHA

Chronicas do Cuyabá

(*Annaes do Senado da Camara*)

(Continuação)



ANNO DE 1731 — Sahindo em principio deste anno algumas pessoas a fazer pescarias, como nos demais costumavam, arranchando-se na barra do Rio dos Porrudos, a donde fizeram suas rancharias, ali foram essaltadas do gentio payaguá, escapando parte dellas, foram prisioneiros, João Martins Claro, paulista; Manoel Furtado, do Rio de Janeiro; Manoel Francisco e Domingos, que lhe não soube a alcunha, europeos; Ignacio Pareci Ladino e mais dez ou doze parecis, que não lhes soube os nomes.

Levou o gentio estes homens consigo para os seus alojamentos, rio Paraguay abaixo, a donde padeceram um rigoroso captiveiro, de onde fugiram, passados, oito mezes João Martins e Manoel Furtado, ficando lá os mais pelo não poderem acompanhar; cominharam por terra nús, com os corpos ao rigor do tempo, sem instrumento algum de ferro, comendo fructas, côcos, raizes de páus e galianhos, seguindo a beira dos pantanos pela parte d' além do Paraguay. Foram seguidos do gentio, de que

escaparam milagrosamente por tres vezes: no fim de seis mezes acharam um machado de pedra que lhes serviu de muito, para o mister de procura rem o sustento, e com que fabricaram uma canoinha em que navegaram outros seis mezes até chegarem á barra do rio Cuyabá, adonde encontraram a frota que ia invadir o payaguá, capitaneada pelo brigadeiro Antonio de Almeida Lara, que os recolheu e levou consigo para guias e praticos daquelles lugares.

Do captivoiro destes pobres homens e fuga que fizeram, escreveu Manoel Furtado, um delles, com muita miudeza um grande volume, ainda que em methodo muito tosco, digno de muita attenção, por se ver nelle as misérias e trabalhos que chegaram os homens a padecer nesta mortal vida, e milagres da Divina Providencia que experimentaram. Andando em certos lugares, sem saber o rumo que houveram de seguir, uma onça lhes ensinou; seguindo-lhe elles a trilha, chegaram a lugar em que reconheceram onde estavam.

Vendo-se em em certa occasião a espirar de sede sem acharem agua por muitos dias, um tatú lhes mostrou um buraco adonde a tinha, de que valeram. Vendo-se em outra acabar as vidas com fome, matou uma onça uma capivára, poz-lhes deante dos olhos e afastou-se deixando-a alli ficar, de que se valeram para conservar as vidas. Quebrando um delles um braço em uma queda que deu, com uma *parchada* de cêra, que tiraram de uma abelheira, posta sobre a quebradura e carne esfolada, atada com umas beiras, ao outro dia achou-se são, sem lesão alguma. Depois de embarcados na canôa, que fabricaram, navegando o Paraguay, sem terem côcos, nem fructas, nem instrumentos com que pescarem pei-

xe, acharam no baranco do rio uma linha larga de pescar, com seu anzol, com que pescaram peixe até o fim da viagem, e outros muitos casos admiraveis como este.

Neste mesmo anno fugiu um moço branco, camarada de Miguel Antonio de Sobral com alguns escravos que elle induziu, e outros de João Lopes Zedas, em uma canôa botou-se para povoado. Armaram os donos dos escravos duas canôas de guerra, com brancos, pretos e indios, botaram atraz do ladrão. Deo o payaguá tanto no fugitivo, como nos que o seguiam, e a todos acabou; perdeu Miguel Antonio dez escravos e João Lopes cinco.

Deu o senado da camara conta disto ao general de S. Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, como consta da carta registrada no livro 2.º dos Registros, á fls. 8, e da resposta á fls. 43.

Pretenderam neste anno os paizanos fazer guerra ao payaguá, a sua custa e a seu modo, em despique da bandeira de Thomé Ferreira, que chamaram dos *Emboabas*, para o que elégaram cabo Antonio de Almeida Lara, feito então brigadeiro por patente do general de S. Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, que neste anno a recebeu e houve posse no senado da camara. Mandou o dito brigadeiro publicar Bando para que não sahisse pessoa alguma para povoado sem que primeiro se expedisse a armada contra o gentio, registrado este bando no livro 2.º dos Registros da camara, á fls. 41. Sahiu a armada no mez de Abril, com trinta canôas de guerra e cincoenta de bagagens e montaria, 400 homens entre brancos, pretos e indios, duas peças de artilharia, dous pedreiros de bronze, armas e petrechos necessarios.

(Continúa).

Contraveneno religioso

CARTA NONA

A auctoridade e a razão

Como é natural ao homem reger-se pela auctoridade — O divino mestre —

Diz-se: não posso crer senão no que entendo — Consequências justas da incomprehensibilidade dos mysterios — Os dois mestres —

Nem Deus nem demônio.

SAUDOSO CARLOS,
(continuação)

Queres saber quaes sejam as consequências que o sábio argumentador deduz da incomprehensibilidade dos mysterios? Eil-as. Em vez de dizer: são incomprehensíveis, portanto não os posso admitir, diz assim:

Os mysterios são incomprehensíveis: portanto, 1.^a consequencia: são por isso mesmo mais dignos da infinita intelligencia de Deus. E quem não o vê? Os doutos têm uma quantidade de conhecimentos inacessíveis á uma intelligencia vulgar; e aquelle que é Sabedoria infinita, não deverá conhecer e usas superiores á qualquer intelligencia que seja? Si penetrassemos toda a sua natureza e tudo o que elle conhece, ou elle não seria mais Deus, ou tambem nós seríamos deuses.

Os mysterios são incomprehensíveis: portanto, 2.^a consequencia: são por isso mesmo mais conformes á tendencia da natureza humana. E quem não conhece a tendencia irresistivel que leva o homem ao arcano? Por isto tambem os gentios tinham seus mysterios orphicos, delphicos, densinos: por isto em todos os tempos foram mais ou menos cultivadas as taes sciencias occultas; porque no mysterioso achando um não sei que de interessante para o qual o homem é impellido, si não houver mysterios verazes e santos, sente-se quasi disposto a

abraçar o talaz e irreligioso.

Os mysterios são incomprehensíveis: portanto, 3.^a consequencia: duplicam, por isso mesmo, o merito da nossa crenga.

Têm elles um lado claro e um lado tenebroso: é claro aquelle lado do qual se nos apresentam os motivos extrinsecos de credibilidade, e este faz com que a nossa fé seja razoavel: tenebroso é aquelle lado que respeita á sua natureza intrinseca, e este torna a nossa fé mais meritória, submettendo em obsequio ao Eterno, aquillo que ha de mais nobre no homem, a intelligencia.

Deste modo, a fé accresce o patrimonio dos nossos conhecimentos, addicionando aos naturaes os sobrenaturaes.

Fecho com uma reflexão importante. Ha muitos, entretanto, que refutam a auctoridade e o magisterio de Jesus Christo e sua Igreja; mas acabam depois com sujeitar-se a outro magisterio. oh! quem sabe, quam indigno!

Desde os primordios do mundo surgiram dous grandes mestres, um desceu do céu, o outro veio do inferno! O primeiro ensinou aos nossos progenitores que, si tivessem comido daquelle tal pomo, teriam morrido. Jámais, disse o outro; vós não morrereis. E foi ouvido o segundo, com essa immensa vantagem que prevamos.

Pois bem, Carlos, foi aquillo o

germen de toda a historia do mundo. Em todos os seculos aquelles dous mestres têm proseguido a disputar entre si os sequazes. Assim é ainda em nossos dias, e assim será sempre, porque o mundo não pôde agir sem mestre.

Ou Christo, ou Belial: ou a Igreja de Deus, ou a synagoga de Satanaz. É preciso escolher.

P. S. Ouve esta. Volto do passeio que costume fazer á tarde, para não ficar nesta vida sedentaria entre os livros. Quando estava já para esbarrar no portão de casa, ouço a traz de mim uma voz estridula, que diz: *Nem Deus, nem diabo, Reverendo!* Volto-me, e vejo um sujeito alto com dous magros bigodes virado para cima semelhantes a dous pequenos cifres, o qual, a julgar pela veste e aspecto da pessoa, dava-me a idéa dum pobre diabo bombeado nos exames e collocado por misericordia no officio de *reporter* dalgum pasquim.

Sem responder, subi a escada rindo-me e disse commigo mesmo: Que bello campeão da descrença! Ao ouvir o dizer *nada de Deus!* Mas si lhe tivesse proposto o problema do ovo e da gallinha, que me pareceu te haver escripto na carta sobre a *Origem do homem*, não sei que cousa teria respondido aquelle coitado. E aqui me corre á mente que Lacordaire a um destes fanfarrões que lhe dizia de não poder collocar juntamente dois, não sei quaes, artigos de fé, respondeu franco: Sabes-me tu explicar como pôde acontecer que o mesmo fogo que na panella derrete a manteiga, coagula, em vez, o ovo? — Verdadeiramente... — Isto porém, não te impede de crer nas fritadas, e tampouco de as fazer! Aquella criança comprehendeu então que tinha feito mesmo uma fritada, e calou-se.

E eu lhe responderia semelhantemente:

Si não houvesse Deus, não haveria Nem tua avó, teu pae e tua tia.

Nem Deus, nem diabo. Agradar-me-ia tambem a mim não houvesse o diabo, porque te asseguro, que para com este tal não tenho deveras nenhuma sympathia; mas, que fazer? Não fui eu que o inventei: existe ha muito tempo, é velho já; antes se diz, a proposito, das cousas velhas: é velha como a barba do diabo. E note que, tambem prescindindo da fé, que delle nos fala em ambos os Testamentos, o diabo, ou o genio do mal, que dão na mesma, é admittido por todos os povos. Os Hebreus, os Egypcios, os Gregos os Latinos, os antigos, os modernos, os civis e os selvagens, todos reconhecem o genio maligno, o inimigo de Deus e dos homens, o anjo precipitado no inferno. Os nomes são diversos entre os diversos povos, mas o subjecto é um; e a antiquissima tradição chegou até nossos dias pelos philosophos e poetas, começando de Homero e Platão, até Dante, Tasso e Milton. Contra esta tradição universal ninguem soube ainda encontrar uma razão que valha.

Sendo assim, tu vês que nós com toda esta companhia, poderemos continuar a crêr tanto em *Deus* como no *diabo*, ainda sem permissão do nosso sabichão. Nem já com isto vou dizer que elle depois deverá, um dia, habitar com Belial, aquem diz de não crêr: não, porque poderia acontecer que lhe coubesse a resposta, que affirma Machiavelli, foi dirigida ao imbecil de Pedro Soderini, galhofeiro de Florença:

*A alma de Soderini, após a morte.
Do inferno foi-se collocar á estrada
Mas lhe gritou Plutão estás enganada!
Vae para o limbo da infantil cohorte.*

raio de luz

ROMANCE DE

M.^{me} REYNÉS MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCEZA
PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"



XIV

Quando Suzanna acordou, muito cedo no dia seguinte, soube com surpresa que, Gamaliel havia saído alta noite e não se havia recolhido á casa. Uma inquietação se apoderou da donzella. As suas reiteradas perguntas, os creados respondiam que o rabbi lhe pedia que não se perturbasse, que um negocio urgente o chamava lá fora e que elle lhe rogava que não saísse antes de sua volta. Tancella de um sinistro presentimento, a moça esperou com impaciencia a volta do irmão; mas logo impellido por uma força irresistivel, lançou vivamente um eó sembro á cabeça e se achou fóra de sua casa.

As synagogas estavam fechadas naquella hora tão machol. Mas por causa da Páscoa, as grandes portas do Templo permaneciam abertas toda a noite. E, embora o uso fosse antes alli sair para offerecer sacrificio do que para rezar, Suzanna para lá se dirigia ás pressas, esperando achar um pouco de paz alli, onde Jehovah deixava pairar sua sombra.

Fôra a primeira hora, mais ou menos 6 horas da manhã. Um eó baixo e triste, coberto de nuvens uniformes, dava uma côr de me-

lancholia á cidade que principiava a despertar.

Alguns raios transcentes tambem subiam para o Moriah. Suzanna atravessou o immenso pátio dos gentios e o parco das mulheres. Apoiada contra a balaustrada, o menos longe possível do Santo dos Santos, agora vestia, mais que outrora tinha ganhado todos os signaes de afflicção de Deus e de d'Israell: as Taboas da Lei e a Arca Santa, a Vara de Moysés e a coroa preciosa rezar. Quê se lembrava da formula do *chazan*, a coroa da manhã que ella devia recitar no pátio, para as palavras não saíam, suas mãos se lambalhavam, sua fronte enaldeva. Repelia somente em longos intervallos: «Senhor, olhai para mim, não me volteis a faces, procurando, consternada, em derredor, descobrir algum rosto amigo. Ninguém vinha.

Dali a pouco, entretanto, uma figura exquisita attrahiu sua attenção.

Recordava-se de o ter visto outrora—mas onde? e quando?—o homem que se approximava espantado, os tinha cabellos em desordem, os olhos fixos. Saíra da sala de reunião dos príncipes dos sacerdotes, com palavras entrecortadas, inintelligíveis. Passou perto de Su-

zanna sem vel-a, repetindo como um insensato :

«Pequei, pequei, meu peccado é por demais grande!»

Com um gesto machinal limpava qualquer coisa dos labios: uma coisa invisivel e ardente: dir-se-ia que elle procurava despedaçar seus labios. Caminhou com passo sofrido até a sahida, depois voltou bruscamente até perto do pateo de Israel e com toda a força, voltado para o altar, lançou um punhado de dinheiro de prata, com um gesto de maldição. As moedas rolaram sobre o marmore com um ruido claro: mais alto que esse ruido a voz do homem retumbou, num desespero de cortar o coração: «O preço do sangue». E bem baixinho, penivelmente, como que procurando uma voz já ouvida: «Judas! trahiste o filho do homem com um beijo... com um beijo!» A voz tinha tomado inflexões de uma doçura infinita. Mas um novo accesso de desespero o assaltou mesmo sob a caricia dessas palavras. Exclamou: «Salve Mestre!» e mergulhou na penumbra pardacenta, com um riso louco, mais agudo que um soluço. Os sacerdotes impassiveis apanharam os dinheiros...

Suzanna tinha ficado muda, gelada de medo. Uma pavorosa luz se fazia nella: «Judas! Judas de Kerith! Pois então foi elle que entregou sen Mestre!» Cahiú num tremor sob a rudeza do golpe. Jesus estava preso! Jesus estava nas mãos dos sacerdotes! Ella comprehendeu naquella hora até que ponto se pôde soffrer sem morrer!

Porém o atordoamento foi curto. A valente creatura se levantou num ímpeto.

Onde se achava Jesus? Gamaliel estava, pois, á sua procura, nas tre-

vas da noite? Porque não tinha elle chamado sua irmã?

Que se havia passado desde a vespéra? Suzanna caminhava ao acaso sustentando-se a custo, de pé, não ousando olhar, nada ousando perguntar.....

Entretanto grupos de homens passavam cada vez mais numerosos dirigindo-se para o norte do Moriah e do Templo, para a torre Antonia, morada actual de Poncio Pilatos, o governador romano.

Riam-se, interpellavam-se, iam a um espectáculo!

Naquelle momento alguns sacerdotes se misturavam com o povo. Elles excitavam a multidão com palavras insidiosas, que acabaram de desvendar a Suzanna a horrivel verdade:

—Aquelle homem vos enganava! Nós O prendemos a tempo! Seus prodigios diabolicos arrastavam os fracos. Roma se sobressalta tão depressa! Escapamos de um grande perigo, diziam os perfidos sacerdotes. Muitas pessoas moviam com a cabeça em signal de approvação. Algumas tremiam e ficavam caladas. Suzanna de longe se poz a acompanhá-los. Evidentemente iam aonde estava Jesus.

Suzanna caminhava como inconsciente, esforçando-se para ir avante.

Ninguém reparava nella. Como que ainda echoavam em seus ouvidos as acclamações longinquoas, que agora lhe pareciam tão longe, tão antigas:

«Hosannah! ao filho de David! Bendicto seja Aquelle que vem em nome do Senhor!»

Estavam, pois, tão longe esses dias? Eram já dias antigos aqueles de quatro dias passados! E á medida que a boa donzella se adiantava, ouvia outros clamores, mais furiosos,

porém todos de odio, si bem que ainda meio inintelligiveis... A vasta praça, o Gabbatha, estava coberta de gente. Toda a escoria, a gentaglia de Jerusalem lá estava, todo o pessoal ordinario das execuções, e — desgraça! — Também os conductores de Israel, os grandes pontífices, os sacerdotes, os phariseus, os escribas, todos, todos, tendo em suas faces uma expressão de odio diabolico. Suzanna chegou até a primeira ordem de columnas, que cercavam as construcções romanas e se escondeu num canto invisivel para todos. A formidavel fortaleza de casernas, palacios e torres se elevava diante della. Bem em face a casa que occupava o governador romano durante suas breves estadas em Jerusalem. Elle alli se achava agora: vinha sempre a Cidade Santa por occasião das festas, por causa das numerosas sedicções que rebentavam naquella enorme multidão de mais de meio milhão de homiens. O palacio era magnifico. Uma galeria de arcadas, especie de sacada, corria ao longo dos andares.

O palacio permanecia mudo, sombrio e fechado.

Os clamores se renovam, distintos agora como os estampidos do raio: «Crucificai-o! crucificai-o!»

Mulheres riam-se em sua baixeza nativa de orientaes servis.

Hannas e Kāphīs olhavam com um ar satisfeito e arrogante. Kāphīs enviava emissarios para um e outro lado.

Cada vez que elles se achegavam a algum grupo mais quieto, logo retinham de novo os gritos de morte.

Aquellas almas de escravos matavam a mandado. Suzanna pensava: «Deus se afasto de nós!»

De repente uma das grandes portas da galeria, no primeiro andar,

abriu-se bruscamente. Pilatos appareceu sosinho diante da balaustrada. Elle era baixo e moreno, tendo cabellos curtos e cortados em forma arredondada á moda romana. Trazia a toga bordada de purpura. Com ar aborrecido e cansado por causa d'aquella especie de sedicção, mediu de alto a baixo o povo e o fez com certo desprezo. Um silencio subito pairou na multidão.

Pilatos fallou com voz dura: — Eis que mando conduzi-lo agora para o lado de fóra afim de que saibais que não encontro nelle motivo algum de condemnação. Pilatos, não tinha designado nenhum nome, nem tinha necessidade de indicar nome algum! O duello proseguia desde um bom espaço de tempo entre elle e a besta human, á qual elle queria arrançar a presa.

Astastou-se um pouco o governador romano. Suzanna murmurou: «Meu Deus! meu Deus! livrai-me dest'hora!»

Pilatos fez um signal.

Ouviu-se por detraz d'elle alguns passos precipitados de lictores e Jesus se adiantou, sosinho, sob a arcada central.

Jesus! Era realmente Jesus! Os horrores daquella noite tinham-no desfigurado; mas era sempre Elle, o doce propheta... Tinham lançado sobre seus hombros uma clamyde de purpura; seu corpo ainda estremeia devido ao supplicio da flagellação; cada um de seus passos deixava uma pegada sanguinea no pavimento de marmore. Sua fronte se cingia com uma corôa de espinhos. Gotas de sangue corriam lentamente por entre os cabellos, ao longo de sua face divina. Elle levantou as mãos ligadas, procurando enxugar o sangue e as lagrimas que o cegavam. Porém não poudo nem mesmo alcançar o

rosto e deixou calhar os braços com uma inflexível resignação. Das contusões por entre as ignominias, e-mergia radiante a indizível belleza do Christo e toda sua pessoa, mergulhada em dôr, guardava sua magestade divina...

Toda a alma de Suzanna se havia refugiado no longo olhar que fixava n'Elle. A donzella tinha visto Jesus glorioso, bem aventurado, triumphante, lançando às mãos cheias a esplendida floração do milagre. Tinha-O visto nobre, mysterioso e grande, aclamado pela multidão em extasis, cercado do harmonioso canticos das bençãos. E agora!... Aquelle homem maltratado, insultado, saturado de opprobrios, tinha ainda em seu olhar extinto todos os mysterios de além. Esse homem, cambaleando sob os gritos de morte, que pareciam attingir seu coração, muito mais ainda que seu corpo, esse homem no entanto dominava a todos e de muito alto!

Em que pensaria Elle em seu silencio? Que força podia ter n'Os assim, não desdenhoso, não arrogante, mas calmo, paciente e doce, reuegado de todo um povo, sob os insultos daquelles que tanto amava?

Suzanna murmurava em voz baixa, como um queixume: «Porque não os esclareceis, Vós que abristes os olhos do cego de nascença? Ou porque não os illuminais, Vós que resuscitastes a Lazaro? Um signal, dai-nos um signal para que saibamos que Deus não Vos abandonou. E depois morrereis, si assim é preciso, porém não sob as risotas desta população...»

Um clamor se elevava de novo, formidável: Tirai-o! Tirai-o! Que seja crucificado!» Eram berros selvagens, o paroxismo do furor e do odio...

Jesus fechou os olhos por instantes. Logo os reabriu com uma inflexível expressão de ternura e soffrimento.

Talvez quizesse procurar um coração amigo no meio dessa multidão irritada. Talvez estivesse contando aquelles que de seculo em seculo viriam adorar-O sob seu farrapo de purpura, tendo entre as mãos por sceptro uma canna...

Suzanna cabiu de joelhos desfalecendo: «Oh! meu Mestre! meu Mestre hoje mais do que nunca!»

Pilatos, já da sacada disse friamente:—Eis ahi o homem!...

União,

(Continúa.)

Breviario das virtudes da S. S. Virgem

Este breviario contém 31 virtudes, e pode-se pois tomar uma para pratica de cada dia do mez.

ELLA ERA:

Virgem do corpo e de espirito.
Humilde de coração.
Grave nas palavras.
Prudente nos conselhos.
Applícua ao trabalho.
Sensata na conversação.

Amiga da pobreza.

ELLA PRIMAVA:

Na fé.
No poder.
Na produção.
No silencio.

JAMAIS:

Obedecer sem prur.
Desprezar os humildes.
Cantar o os troços.
Incapacidade de ouvir.

TERIA POR PRINCÍPIO:

Na presença de Deus.
Viver em silencio.
Não se fazer ninguém.
Fazer o bem a todos.
Honrar os velhos.
Não fazer os seus semelhantes.
Fugir da gloria vã.
Amor a virtude.
Seguir sempre a cruz.

NÃO TINHA DE IMMDESTOS:

No seu orgão.
No seu er.
Nas suas expressões.
Nas conversas.
Nos olhares.
Nas acções.

ERA INTEIRAMENTE DE DEUS:

unida a pura que vos amo.
Por vossa santissima virgindade e por vossa Immaculada Conceição, o' Purissima Virgem! purifica meu coração e os sentidos... Ave Maria... Ind.)

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.
F. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio MilaneseALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02, LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de Observações por dia às 5.41 a. m. à 1.41 e 5.41 p. m. hora local

TABELLA I

Novembro 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida à 0° 700				EXTRE- MOS da tem- perat. 8.41 p.		THERMOMETRO seco				THERMOMETRO humido			
	5.41 a.	1.41 p.	5.41 p.	Med.	Max.	Min.	=	=	=	Med.	=	=	=	Med.
1	43.8	42.3	42.6	42.9	31.5	25.2	25.6	30.6	29.6	28.4	41.6	23.4	23.9	23.0
2	42.8	42.0	41.6	42.1	32.3	26.6	27.0	30.7	29.5	29.1	23.3	24.0	23.7	23.7
3	42.8	41.0	44.1	42.6	32.4	26.8	27.1	32.1	27.4	28.3	23.1	24.0	24.7	23.9
4	43.9	42.1	44.7	43.6	32.2	26.0	26.5	32.0	27.9	28.8	23.7	24.5	25.3	24.5
5	45.2	43.7	45.2	44.7	29.1	24.3	25.1	27.6	25.9	26.2	23.2	24.8	24.0	24.0
6	45.7	44.4	46.1	45.4	28.2	24.9	25.3	27.4	26.6	26.4	23.6	24.4	24.3	24.1
7	45.9	43.8	44.4	44.7	30.5	25.7	25.3	29.5	28.1	27.6	23.5	24.2	24.5	24.1
8	45.8	42.6	43.2	43.2	31.7	25.9	26.1	30.6	29.2	28.6	23.9	24.7	25.9	24.8
9	44.0	42.4	43.5	43.2	31.9	27.1	27.8	31.8	27.9	29.2	24.9	25.8	24.5	25.1
10	43.5	44.1	43.1	43.6	31.8	26.6	27.1	30.4	28.4	28.6	24.3	24.9	24.0	24.4
D. 1.ª	44.3	42.9	43.8	43.7	31.2	25.9	26.3	30.3	28.0	28.2	23.5	24.5	24.5	24.2
11	44.0	41.2	42.0	42.4	33.4	26.3	26.7	32.2	30.5	29.8	23.7	26.2	25.0	24.6
12	42.9	41.3	40.7	41.6	34.2	27.6	28.1	33.0	30.6	30.4	24.4	25.7	25.4	25.2
13	43.3	43.0	41.8	42.7	30.1	23.6	24.7	25.3	25.4	25.1	22.0	23.5	23.7	23.1
14	43.8	40.5	43.8	42.7	31.9	24.0	24.6	31.4	28.6	28.2	23.2	26.2	25.1	24.8
15	43.3	43.5	44.2	43.7	30.4	25.1	27.1	25.5	25.8	26.1	24.5	24.8	24.1	24.5
16	45.2	43.5	44.4	44.4	29.8	24.6	25.0	27.1	26.7	26.3	24.6	24.1	24.4	24.2
17	45.2	43.0	44.2	44.1	32.2	25.9	25.5	30.2	29.1	28.6	24.5	25.2	25.9	25.2
18	45.5	41.5	42.5	43.2	32.5	26.8	27.1	31.6	29.3	29.3	25.0	26.0	25.2	25.4
19	43.6	42.1	43.1	42.9	33.8	27.6	28.6	33.3	30.4	30.8	25.7	25.0	25.4	25.4
20	43.8	41.5	42.2	42.5	34.2	27.6	28.4	33.0	30.5	30.6	25.0	25.0	24.6	24.9
D. 2.ª	44.0	42.1	42.8	42.9	32.2	25.9	26.6	30.2	28.6	28.5	24.2	25.1	24.8	24.7
21	43.4	40.9	42.0	42.1	34.4	28.1	28.5	33.0	30.8	30.8	24.6	25.2	25.0	24.9
22	44.0	44.6	43.1	43.9	34.4	26.6	28.6	29.0	27.9	28.5	24.2	25.0	24.7	24.6
23	45.3	42.6	44.8	44.2	33.6	26.6	26.8	32.2	28.6	29.2	23.0	24.6	24.9	24.2
24	45.3	43.5	45.2	44.7	32.2	24.4	26.9	31.4	29.5	29.3	24.0	25.0	25.4	24.8
25	46.3	43.2	45.6	45.0	32.5	26.4	28.1	31.8	30.1	30.0	24.6	25.5	25.4	25.2
26	45.0	43.0	44.3	44.1	34.2	28.1	28.4	33.2	29.0	30.2	25.4	25.7	25.0	25.4
27	45.5	44.2	46.2	45.3	33.7	27.6	28.1	33.3	28.0	29.8	25.3	25.5	24.5	25.1
28	46.5	43.4	45.1	45.0	34.5	26.2	27.1	33.8	30.2	30.4	24.1	24.5	25.7	24.8
29	46.7	43.9	44.4	45.0	34.5	28.4	28.7	34.3	31.0	31.3	25.2	25.8	25.5	25.5
30	44.4	42.7	42.6	43.2	33.4	26.4	28.2	32.5	29.3	30.0	24.4	24.7	24.5	24.5
31														
D. 3.ª	45.2	43.2	44.3	44.6	33.7	27.0	27.9	32.4	29.4	29.9	24.4	25.1	25.0	24.8
Mez	44.5	42.7	43.6	43.6	32.4	26.3	26.9	30.9	28.7	28.9	24.0	24.9	24.8	24.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Novembro 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)							
	8.44 a.	1.44 p.	3.44 p.	ult.	8.44 a.	1.44 p.	3.44 p.	Média	4.44 a. m.	1.44 p. m.	3.44 p. m.	Média				
1	16.8	17.0	18.9	17.6	68	52	63	61.0	S	6	K-Kn	8	KS	8	7.3	
2	19.0	18.0	18.3	18.4	72	55	59	62.0	SK	9	Kn	7	S	8	8.0	
3	18.6	17.2	21.5	19.1	70	49	79	66.0	SK	10	Kn	9	Kn	10	9.7	
4	20.1	18.3	22.4	20.3	78	52	80	70.0	SK	9	Kn	8	Kn	10	9.0	
5	20.0	21.6	21.0	20.9	84	78	83	82.3	NK	10	K	7	Kn	10	9.0	
6	20.6	20.9	21.2	20.9	86	77	82	81.7	Kn	10	Kn	9	Kn	10	9.7	
7	20.4	19.2	20.7	20.1	85	63	73	73.7	Kn	10	Kn	8	--	0	6.0	
8	20.7	19.5	22.8	21.0	82	60	76	72.7	Kn	9	K	5	S	3	5.7	
9	22.2	21.0	20.8	21.3	78	59	74	70.3	Cs	8	Kn	9	Kn	9	8.7	
10	20.9	20.0	19.5	20.1	78	62	68	69.3	S	9	"	9	Kn	9	9.0	
D. 1º																
	19.9	19.3	20.7	20.0	73.1	60.7	73.9	70.9	--	9.0	--	7.9	--	7.7	8.2	
11	20.0	21.6	20.1	20.6	76	60	63	66.3	Kn	8	Kn	4	Kn	5	5.7	
12	20.5	20.0	21.3	20.6	72	53	67	64.0	As	8	Kn	7	K	8	7.7	
13	18.0	20.4	20.8	19.7	78	85	86	83.0	Kn	10	Kn	10	N	8	9.3	
14	21.3	22.1	22.0	21.8	88	64	74	75.3	Sc	8	Kn	7	Kn	10	8.2	
15	21.3	22.9	21.3	21.8	80	94	86	86.7	"	8	N	10	K-Kn	10	9.3	
16	21.6	20.5	21.3	21.1	92	77	82	83.7	Kn	10	N	9	Kn	4	7.7	
17	21.7	20.7	22.8	21.7	84	65	76	75.0	S	9	Kn	5	S	3	5.7	
18	22.3	21.5	21.3	21.7	84	62	71	72.3	As	8	Kn	5	KN	4	5.7	
19	22.5	18.4	21.0	20.6	78	49	65	64.0	Ks	4	K	6	S	2	4.0	
20	21.5	18.6	19.4	19.8	75	50	60	61.7	S	7	Kn	7	--	0	4.7	
D. 2º																
	21.0	20.6	21.1	20.9	80.7	65.9	73.0	73.2	--	8.0	--	7.0	--	5.4	6.8	
21	20.1	19.0	20.0	19.7	71	51	60	60.7	S	10	K	7	Kn	5	7.3	
22	19.7	21.1	21.2	20.7	68	71	75	71.3	SK	9	Kn	10	S	10	9.9	
23	18.5	18.3	21.2	19.3	71	51	72	65.3	Cs	9	K	4	Kn	10	7.7	
24	20.4	19.6	21.6	20.5	78	57	71	68.7	S	4	K-Kn	7	S	1	4.0	
25	20.9	19.9	21.2	20.7	74	58	67	66.3	Cs	7	K-sk	9	K	9	8.3	
26	22.3	19.9	21.1	21.1	77	52	71	66.7	As	10	K-Kn	7	S	10	9.0	
27	21.8	19.4	20.7	20.6	79	51	74	68.0	S	10	Kn	9	S	10	9.7	
28	20.5	17.1	21.7	19.8	77	44	68	63.0	Cs	6	K-Kn	8	Kn	4	6.0	
29	21.7	19.4	20.8	20.6	74	48	63	61.7	KS	9	Kn	8	S	10	6.7	
30	20.4	18.3	19.9	19.5	71	50	65	62.0	SK	5	"	9	Kn	10	7.7	
31																
D. 3º																
	20.6	19.2	20.9	20.2	74.0	53.3	68.6	65.3	--	7.1	--	7.8	--	7.9	7.6	
Mez																
	20.5	19.7	20.9	20.4	77.6	50.9	71.8	69.7	--	8.0	--	7.6	--	7.0	7.5	